

Abertura barateou consumo

A análise desenvolvida por Pochmann não deixa de ser uma revisão crítica do modelo brasileiro de desenvolvimento econômico. Entretanto, para o economista Marcelo Neri, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) e coordenador do recém-criado Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), o modelo não é falho e pacífico sob todos os pontos de vista. "Com a abertura, a indústria foi prejudicada e gerou a crise dos anos 90, que é do desemprego. Empresários e trabalhadores, os produtores, perderam. Mas para o consumidor houve muitos avanços", argumenta Neri.

A abertura comercial trouxe produtores externos. Muito do que se consumiu por aqui desde 1990 era importado, produtos mais baratos ou feitos com insumos que permitiam redução dos preços. A importação diminuiu a produção industrial, provocou desemprego e queda nos rendimentos. "O modelo está pior para os produtores, mas os consumidores têm acesso a coisas mais baratas", afirma Neri.

O economista acha, porém, que as décadas de 80 e 90 podem mesmo ter sido perdidas em relação à renda. Ele diz que houve ganhos desde a década de 80, mas muito pequenos e em ritmo de queda, agravada com a recessão histórica de 1991. Mas com o Plano Real, retornou-se o crescimento. Entre julho de 1994 e dezembro de 1996, a renda entre os 50% mais pobres deu um salto de 56%. Os 10% mais ricos ganharam 26%. "Não é milagre econômico, mas foi substancial", afirma.

Mas ele admite que a retração econômica desde a crise asiática é

prejudicial. Se o aumento real da renda for acumulado entre julho de 1994 e agosto de 1998, os ganhos dos mais pobres são de 28%, a metade, e os dos mais ricos ficam estacados em 25%. "Os dois primeiros anos foram excepcionais e os dois últimos, parcos", diz.

"Por outro lado, talvez as duas décadas não tenham sido tão perdidas no acesso à infra-estrutura básica e aos bens duráveis, que também indicam melhoria na qualidade de vida", defende Marcelo Neri. Dos 10% mais pobres, 40% tinham geladeira em 1976. Em 1996, eram 83%. Na mesma amp, 93% dessa camada tinham rádio e 92% possuíam TV, contra 71% e 53% 20 anos antes, respectivamente.

Os serviços públicos também alcançaram as famílias de baixa renda. Eram 83% as que dispunham de eletricidade nas regiões metropolitanas em 1976; 99,5% tinham acesso há três anos. O abastecimento de água era aproveitado por 56% dos mais pobres em 1981 e a coleta de lixo por 47%, percentual que subiu para 90% e 80%, respectivamente, em 1996.

Para Neri, a análise agregada dos gastos, como no estudo de Pochmann, tira essa visão de mudanças importantes na sociedade. A composição do orçamento, por exemplo, apresentou em 1996 a primeira inversão de liderança dos gastos familiares nessa camada, ocupada agora pela habitação. O coordenador do Iets alega que o trabalhador pode estar ganhando melhor e pagando menos, e gastando mais com outros bens e serviços.

"O modelo não é, então, essencialmente ruim para todo mundo. A economia é um cobertor curto. São recursos escassos para necessidades ilimitadas", teoriza Marcelo Neri, que, no entanto, também vê deterioração, de 1997 para cá, dos diversos ganhos, "não só de renda, mas de uma conquista importante que é a previsibilidade". (F.B.)